ORGANIZADORES
Máximo Lamela (UFRGS)
Mariana Mussetta (UNVM/UNC/Ar)
Tiago Martins de Morais (UDESC)

A PROSA DOCENTE COMO ACONTECIMENTO

modos de *escrever-pensar-fazer* pesquisa em educação

pimenta cultural

ORGANIZADORES
Máximo Lamela (UFRGS)
Mariana Mussetta (UNVM/UNC/Ar)
Tiago Martins de Morais (UDESC)

A PROSA DOCENTE COMO ACONTECIMENTO

modos de *escrever-pensar-fazer* pesquisa em educação

CAPES
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACED FACULDADE DE EDUCAÇÃO UFRGS
PPGEDU UFRGS FACED
POÏEIN MICROSCOPIAS.EDUCAÇÃO.IMANÊNCIA
pimenta cultural
2026
São Paulo

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P966

A prosa docente como acontecimento: modos de escrever-pensar-fazer pesquisa em educação / Organização Máximo Lamela, Mariana Mussetta, Tiago Martins de Morais. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2026.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-593-0
DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-593-0

1. Prosa docente. 2. Formação de professores. 3. Currículo e didática. 4. Escrileitura. 5. Pesquisa-criação. I. Lamela, Máximo (Org.). II. Mussetta, Mariana (Org.). III, Morais, Tiago Martins de (Org.). IV. Título.

CDD 370.71

Índice para catálogo sistemático:
I. Educação - Formação de professores
Simone Sales • Bibliotecária • CRB: ES-000814/O

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2026 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2026 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).
Os termos desta licença estão disponíveis em:
<https://creativecommons.org/licenses/>.
Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.
O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Estágio em editoração	Emanuelle Vitória Miranda da Silva Rayssa Santos Arrais
Imagens da capa	Resource Database - Unsplash
Tipografias	Acumin, Gobold, Rockwell Nova
Revisão	Os autores e os organizadores
Organizadores	Máximo Lamela Mariana Mussetta Tiago Martins de Morais

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com

2026

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoras

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosangela Colares Lavand
Universidade Estadual do Norte do Paraná, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

André Tanus Cesário de Souza
Faculdade Anhanguera, Brasil

Andressa Antunes
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade do Estado do Amapá, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadétte Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cassia Cordeiro Furtado
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cecilia Machado Henriques
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Deilson do Carmo Trindade
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edilson de Araújo dos Santos
Universidade de São Paulo, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Estevão Schultz Campos
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrícia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Fauston Negreiros
Universidade de Brasília, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Flávia Fernanda Santos Silva
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Gabriela Moysés Pereira
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geuciane Felipe Guerim Fernandes
Universidade Federal do Pará, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leyltton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Joao Adalberto Campato Junior
Universidade Brasil, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jonathan Machado Domingues
Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Juliano Milton Kruger
Instituto Federal do Amazonas, Brasil

Julianno Pizzano Ayoub
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lauro Sérgio Machado Pereira
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Brasil

Leonardo Freire Marino
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Letícia Cristina Alcântara Rodrigues
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Luiz Eduardo Neves dos Santos
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Maikel Pons Giralt
Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Márcia Alves da Silva
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcus Fernando da Silva Praxedes
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Marines Rute de Oliveira
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neide Araujo Castilho Teno
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Bieging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Patrícia Helena dos Santos Carneiro
Universidade Federal de Rondônia, Brasil

Rainei Rodrigues Jadejiski
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Ricardo Luiz de Bittencourt
Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tatiana da Costa Jansen
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Vanessa de Sales Marruche
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual do Centro Oeste, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Vinicius da Silva Freitas
Centro Universitário Vale do Cricaré, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Wenis Vargas de Carvalho
Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alcidinei Dias Alves
Logos University International, Estados Unidos

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Artur Pires de Camargos Júnior
Universidade do Vale do Sapucaí, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo B. Alves
Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Davi Fernandes Costa
Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, Brasil

Denilson Marques dos Santos
Universidade do Estado do Pará, Brasil

Domingos Aparecido dos Reis
Must University, Estados Unidos

Edson Vieira da Silva de Camargos
Logos University International, Estados Unidos

Edwins de Moura Ramires
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabete de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Jonas Lacchini
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Nívea Consuêlo Carvalho dos Santos
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Rayner do Nascimento Souza
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Sidney Pereira Da Silva
Stockholm University, Suécia

Suélen Rodrigues de Freitas Costa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Walmir Fernandes Pereira
Miami University of Science and Technology, Estados Unidos

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

SUMÁRIO

Máximo Lamela
A prosa docente 14

Mariana Mussetta
Prefacio:
prosa gesto y cuerpos; prosa
pensamiento; prosa variación 20

Mariana Mussetta
Prefácio:
prosa gesto e corpos; prosa pensamento;
prosa variação 24

CAPÍTULO **1**
Fabio Roberto Lucas
Pensamento e linguagem
em estado nascente:
notas do curso de Poética de Paul Valéry 28

CAPÍTULO **2**
Letícia Testa
Aula-espetáculo:
educação com dança-pesquisa 64

CAPÍTULO **3**
Tiago de Morais
Docência e nomadismo:
deslocamento enquanto condição existencial 87

CAPÍTULO **4**

Luciana Irene Sastre
María Soledad Galván
El envés de la clase o la hilatura de los gestos **107**

CAPÍTULO **5**

Paola Zordan
Matheus Camini
Corpos desviantes e esquizopoéticas da abjeção **123**

CAPÍTULO **6**

Luiz Carlos Quirino da Silva
Pedagogia especulativa como prática de perspectivismo radical **143**

CAPÍTULO **7**

Luciano Bedin da Costa
Introdução à *manta de leitura* para sobreviver a bancas de pós-graduação **163**

CAPÍTULO **8**

João Evangelista
Dançar o tempo outro:
ensaio sobre o gesto docente **178**

CAPÍTULO **9**

Isadora Sobrosa
Escrever com Totonha e capim:
métodos de cruzo pedagógico **197**

CAPÍTULO **10**
Cristiano Bedin da Costa
Entre Gilles Deleuze e Sandra Mara Corazza: monstros e fantasmas sobre a mesa de montagem **216**

CAPÍTULO **11**
Andrielly Regina Ferreira Gregory
Prosa docente em estado de acontecimento: experimentações filosóficas do ordinário **236**

CAPÍTULO **12**
Elisandro Rodrigues
Bianca Isabel Pederiva
Escrever a leitura: ou como dizer algo sobre estar aqui **251**

CAPÍTULO **13**
Diego Winck Esteves
Corpos, educação e escritas idiossincráticas **267**

CAPÍTULO **14**
Mariana Machado Denardi
Educação (algo)rítmica: narrativas distópicas de uma docência pós-humana **284**

CAPÍTULO **15**
Silas Borges Monteiro
A docência espectral: escuta, afetos e assombro no ensino **299**

CAPÍTULO **16**
Marcos da Rocha Oliveira
Sou pedagogo, escrevo.
Arquivo de poéticas pedagógicas **315**

CAPÍTULO **17**
Angélica Vier Munhoz
Das brocantes ao arquivo
de papéis escolares **335**

CAPÍTULO **18**
Máximo Lamela
Paul Valéry, uma carta
e duas palavras-monstro **351**

Posfácio:
prosa docente como descompasso **366**

Quem escreve **371**

Índice remissivo **377**

SUMÁRIO

Oh! Essa coisa!... Essa coisa em prosa!... Não sei como descrevê-la para você. É a obra prima do impraticável.

Paul Valéry

17

Angélica Vier Munhoz

DAS BROCANTES AO ARQUIVO DE PAPÉIS ESCOLARES

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-593-0.17

SUMÁRIO

Acordar de madrugada, enfrentar o frio da manhã, passar o dia vagando por corredores lotados, com dedos empoeirados e mãos cheias de objetos tão diversos quanto incongruentes – esse é o cotidiano do *brocanteur*. Amante das coisas da vida, sejam elas doadas por aqueles que as guardam e, por vezes, delas têm dificuldade de se desfazer, sejam roubadas, encontradas ou as que chegam por acaso, o *brocanteur* faz circular vestígios do que sobra e do que sobrevive ao esquecimento.

Com as transformações urbanas e industriais no início do século XX, as *brocantes* surgiram em alguns vilarejos franceses como prática do mercado de segunda mão, comercializando objetos e papéis antigos, usados ou considerados obsoletos. Diferentemente do *antiquaire*, que vende e compra peças raras e valiosas, as *brocantes* francesas são o lugar da vida ordinária que se inscreve sob formas singulares. Em calçadas ou em portas abertas, elas expõem arquivos íntimos e anônimos da história coletiva, dispostos ao acaso, sem catalogações, oferecendo ao olhar atento a possibilidade de reconstruir histórias e práticas sociais e afetivas.

Figura 1 – *Brocantes* em cidades francesas



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Nos inventários de vidas postos em circulação nas *brocantes*, encontram-se desde objetos pessoais, tais como talheres, tecidos manchados pelo uso e brinquedos da infância, até arquivos de escrita – livros, cadernos escolares, cartas esquecidas, álbuns de fotografias, diários íntimos, documentos antigos, papéis avulsos, manuscritos, livros com dedicatórias ou anotações, revistas, mapas, partituras, gravuras e outros tipos de relicários pessoais. Dentre esses papéis, encontramos alguns que dizem das práticas escolares e que testemunham o que pôde ser enunciado em determinado tempo.

SUMÁRIO

Figura 2 – Aos alunos de escolas[1]


AUX ÉLÈVES DES ECOLES

IL EST DÉFENDU

1° DE CRACHER A TERRE;

2° DE MOUILLER SES DOIGTS DANS SA BOUCHE pour tourner les pages des livres et des cahiers;

3° D'INTRODUIRE DANS SON OREILLE le bout d'un porte-plume ou d'un crayon;

4° D'ESSUYER LES ARDOISES EN CRACHANT DESSUS ou en y portant directement la langue.

5° TENIR DANS SA BOUCHE les porte-plumes, les crayons, les pièces de monnaie, etc.;

Voulez-vous savoir maintenant pourquoi ces défenses vous sont faites? Demandez-le à vos maîtres qui vous donneront les explications nécessaires.

Souvenez-vous enfin que vous ne devez pas seulement obéir vous-mêmes à ces prescriptions, mais que vous avez encore le devoir de les faire connaître à tout le monde.

Fonte: elaborado pela autora (2023).

O fascínio pelas histórias locais e pelos arquivos de vida fez com que uma massa de papéis "sem importância", destinados ao desaparecimento, se difundisse não apenas nas *brocantes* francesas,

1 Aos alunos de escolas, é proibido: cuspir no chão; molhar os dedos na boca para virar as páginas de livros e cadernos; introduzir na orelha a ponta de um suporte de pluma ou de um lápis; limpar as lousas cuspindo nelas ou lambendo; pôr na boca as pontas de penas, lápis, réguas, etc. Vocês gostariam de saber porque essas proibições são feitas? Pergunte aos seus professores, que lhe darão as explicações necessárias. Finalmente, lembrem-se que vocês não devem apenas obedecer a essas prescrições, mas ainda tem o dever de torná-las conhecidas de todos.

SUMÁRIO

mas também em outros lugares do mundo e de outros modos. Esse movimento esteve igualmente em consonância com uma revolução em torno da dessacralização e da profanação dos arquivos, antes pertencentes somente aos arquivologistas e historiadores.

Esses arquivos de vidas – invisíveis, anônimas, infames – também despertaram o interesse de Foucault na última década de sua vida, quando se voltou para fragmentos de existências ínfimas, consideradas inclassificáveis, lançando luz às "vidas breves, encontradas por acaso em livros e documentos" (Foucault, 2015a, p. 199). Isso porque, durante muito tempo, "só os gestos dos grandes mereceriam ser ditos sem escárnio; o sangue, o nascimento e a exploração davam direito à história" (Foucault, 2015a, p. 212).

Com Foucault e, depois dele, com Arlette Farge, as cenas minúsculas, os gestos, as palavras tornaram-se dignas de ser registradas como história. "Todas essas coisas que compõem o comum, o detalhe sem importância, a obscuridade, os dias sem glória, a vida comum, podem e devem ser ditas, ou melhor, escritas", afirma Foucault (2015a, p. 212). Distante dos grandes personagens, os autores dedicaram-se ao gesto arquivístico de exumar e editar velhas e desconhecidas papeladas da história.

PAPÉIS-VESTÍGIOS

Palavras e coisas da escola: uma perspectiva arquivística é o título do projeto aprovado no edital 09/2022 – Bolsa Produtividade em Pesquisa CNPq, iniciado em março de 2023 no Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq/Univates). Por meio de *brocantes* – feiras organizadas em praças e espaços públicos –, busca-se recolher e arquivar papéis produzidos pela escola a partir

SUMÁRIO

do início do século XX, a fim de dar a ver o que produzimos documentalmente *na* e *pela* escola nesse recorte temporal.

Os papéis reunidos no Brocantes compõem uma memória menor da escola, feita menos de grandes registros e mais de pequenos rastros. Muitas vezes, chegam como sobrevivências frágeis: folhas empoeiradas, amareladas pelo tempo, riscadas ou rasgadas. Outras vezes, são materiais corriqueiros e recentes do cotidiano escolar. De todo modo, são fragmentos, narrativas inacabadas, papéis-imagens que testemunham o que foi produzido pela escola. Papéis singulares, sem grandes destinos, sem grande importância, mas que, em determinado momento, foram escolhidos para serem conservados ou receberam espaço em algum lugar doméstico (Munhoz, 2025). São arquivos de escolas, catalogados em coleções.

Tais papéis escolares mostram, mais do que qualquer outra coisa, uma prática social de escrita. Essas práticas instalaram-se na escola somente a partir do século XIX, portanto, nem sempre ocuparam lugar na escolarização, tampouco foram fundamentos da instrução popular. Antes disso, a escrita escolar era reservada aos poucos alunos cujas famílias tinham condições de pagar caro por um ensino individual. Para o pesquisador Jean Hébrard (2001, p. 116), "em um mundo onde o papel é caro, onde pluma de ganso, difícil de ser cortada pelos dedos pouco hábeis das crianças, é o instrumento obrigatório de escrita, a aprendizagem desta exige tempo, portanto, dinheiro".

À medida que a escrita se difunde socialmente, as práticas escriturais escolares, assim como o ensino da escrita, vão se estabelecendo de modo progressivo, mas não sem conflitos. Também se dá a passagem da escrita manuscrita para o texto impresso, ainda que uma não tenha substituído o outro.

Entre os papéis e documentos de escrita recolhidos e arquivados pelo Projeto Brocantes, é possível encontrar algumas dessas

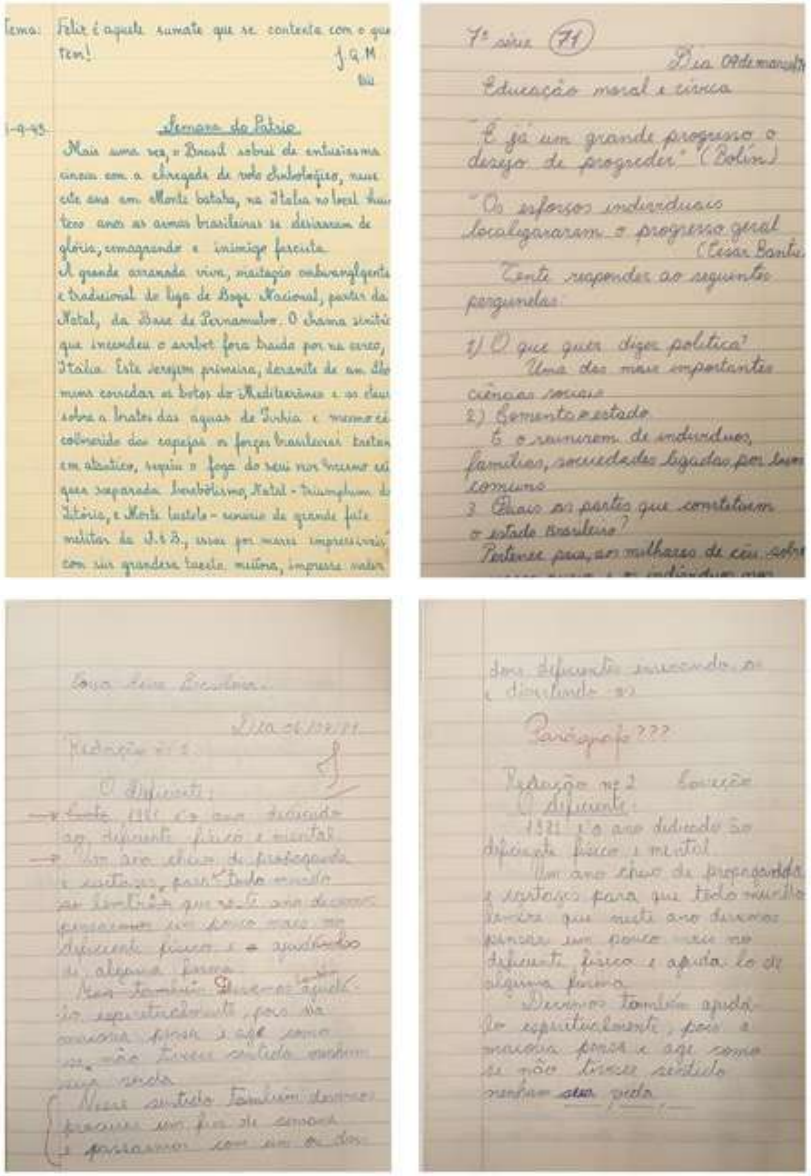
SUMÁRIO

práticas escriturais da escola. São regimes de escrita diferenciados, como um caderno de exercícios ou de cópia, um documento avaliativo redigido por um professor, um bilhete rascunhado por um estudante. Alguns documentos mostram um exercício de escrita prescritivo, ou ainda, uma escrita sobre o outro ou um exercício de escrita sobre si. Trata-se, portanto, de uma existência verbal que fala sobre o estudante ou que ele mesmo pronunciou.

Assim, quando olhamos para a coleção "Cadernos escolares", por exemplo, vemos que esse suporte, que apareceu no século XVI, com a *Ratio Studiorum*, foi e ainda é, em algumas escolas, o lugar emblemático da escrita. Contudo, segundo Hébrard (2001), só com o avanço da Revolução Industrial e o barateamento do papel, no século XIX, que o caderno escolar se torna o instrumento privilegiado do exercício de escrita e de cópias de textos caligrafados, "pendurados na frente do aluno" (Hébrard, 2001, p. 118). Antes, a prática de escrita, seletiva e elitizada, era feita em folhas de papel empilhadas e não costuradas.

O exercício de escrita como cópia, grafada no caderno escolar, constitui-se, então, em uma ferramenta pedagógica para melhorar a caligrafia, a ortografia e a memória visual e auditiva do aluno, além de facilitar a retenção do conteúdo copiado do quadro. O caderno torna-se o lugar onde o que importa mais é "o bom exercício ou a boa resolução de um problema, o exercício bem corrigido" (Hebrard, 2007, p. 17). Nele, alternam-se tintas de diferentes cores – o mestre em vermelho, e o aluno em lápis ou em tinta azul –, que determinam o gesto didático mais fundamental: o da correção do exercício escrito (e não mais somente oral). "O caderno é então o instrumento através do qual o exercício, a partir do século XIX, conquista definitivamente a escola" (Hebrand, 2007, p. 18). Os cadernos escolares do arquivo Brocantes mostram alguns desses gestos de escritura.

Figura 3 – Cadernos escolares



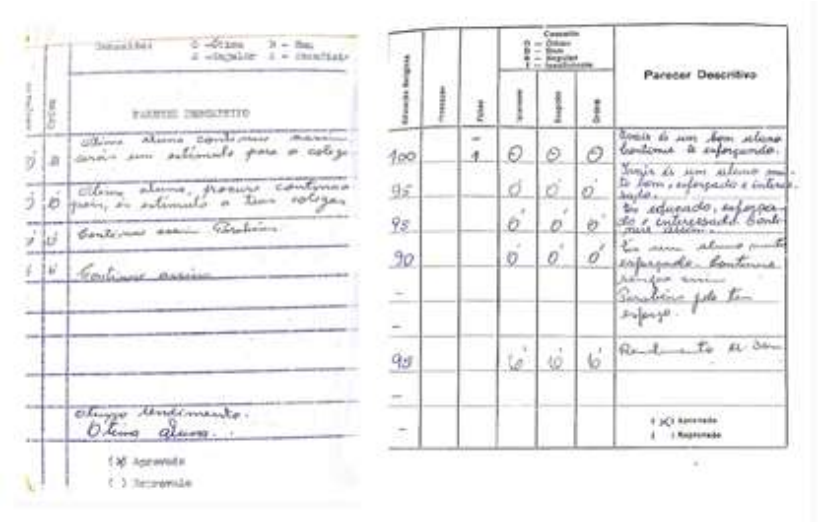
Fonte: Arquivo Brocantes (2025).

SUMÁRIO

Os documentos avaliativos constituem outra coleção do Brocantes. Muitos desses documentos remetem ao que foi dito sobre algum estudante. A quem pertence um documento escrito, destinado a outro, guardado, como é o caso, de um documento avaliativo? Em grande parte dos documentos avaliativos, o que salta aos olhos é menos o conteúdo escrito, mas o quanto, esses escritos se repetem nas práticas escolares. Isso, porque o teor da escrita, não costuma ser dirigido a alguém específico, ainda que esse alguém seja nomeado, mas diz de uma determinada prática discursiva que esquadrinha, legitima, normatiza – "deve caprichar mais", "deve melhorar a letra", "és um bom aluno", "continue assim".

Certamente, tais escritas avaliativas estavam de acordo com as regras do que era possível dizer em dada temporalidade. Para Foucault (2015), o que pode ser dito ou pensado não depende de intenções individuais, mas das condições históricas de possibilidade que conformam o espaço do dizível. Sob essa perspectiva, esses documentos não podem ser compreendidos apenas como instrumentos pedagógicos de registros avaliativos, mas como práticas discursivas situadas em certa ordem do saber, a partir da qual se definem quais enunciados sobre a infância, a aprendizagem e a conduta são legítimos e reconhecíveis. Portanto, tem-se um regime avaliativo que, além de registrar desempenhos sobre cada estudante, está implicado na produção de sujeitos escolares, conformando-os aos horizontes normativos da escola. Uma pequena amostra de documentos avaliativos do Brocantes está disposta abaixo.

Figura 4 – Documentos avaliativos



Fonte: Arquivo Brocantes (2025).

Outra coleção que vale destacar é a das cartas e bilhetes escolares. Não raramente, o que aparece são pequenos exercícios de escritas de si, como diários íntimos. Outras vezes, a escrita é destinada a um outro. O que importa aqui é o porquê de esses bilhetes e cartas serem guardados. Na maioria, não são acontecimentos de vida, são bilhetes cotidianos que se referem a uma carta de amor ou um bilhete ao professor, mas são valorizados a ponto de serem arquivados.

O que se percebe nessa coleção é que geralmente quem os escreve é quem os arquiva e os doa, diferentemente dos documentos escolares, que costumam ser guardados pelos familiares. Como afirma Artières (2013, p. 8), trata-se de um "arquivar-se", como uma prática de gestos pessoais de arquivamento, de arquivos de si. "Escrever um diário, guardar papéis, assim como escrever uma autobiografia, são práticas que participam mais daquilo que Foucault chamava a preocupação com o eu" (Artières, 1998, p. 11). Esses exercícios de si

e ao outro, realizados no cotidiano escolar, mostram-nos que, se a escola é, por uma via, um dispositivo de regulação e controle, como insiste Foucault (2000), por outra, também produz brechas para modos singulares de existência. Os bilhetes e cartas de amor, muitas vezes furtivos ou escondidos, funcionam como pequenas práticas de si – os estudantes inscrevem-se em um espaço relacional, que não é apenas funcional, mas existencial e subjetivo. Alguns bilhetes e cartas podem ser encontrados abaixo.

Figura 5 – Bilhetes e cartas



Fonte: Arquivo Brocantes (2025).

Além das práticas escriturais, há também retratos de escola. Papéis-imagens, para citar Didi-Huberman (2023). Nessa coleção, a ideia de memória e recordação, em geral, faz-se presente. Porém, as imagens, como lembra Didi-Huberman (2002), não são memórias como um passado em si, não conservam um passado intacto, mas fazem-no sobreviver como lampejos. "A imagem é sobrevivência, não lembrança; é sintoma, não relato; é intervalo entre o ver e o saber." (Didi-Huberman, 2002, p. 143). Daí que, para Foucault (2015),

SUMÁRIO

a memória é arquivo – dispositivo do que pode ser dito e visto e do que deve ser esquecido.

Uma coletânea de retratos escolares não tem, tão somente, lembranças de uma história – são restos que insistem em não desaparecer. É nesse sentido que uma memória do passado pode tornar-se uma memória do presente. Não o que foi, mas o que ainda insiste em ser visto, mesmo sendo visto de outro modo, em outro lugar, com novas produções de sentidos.

Então, o que enxergamos quando vemos tais retratos de escola? O que permanece vivo nesses papéis-imagens da escola? Que elementos se tornam visíveis, que vestígios insistem em aparecer e se impor ao olhar? De que modo convocam o nosso corpo a imaginar?

> Ver uma imagem. Tentar escrevê-la (esta imagem, este ver da imagem). Meu corpo todo na jogada. Meu corpo em face do corpo da imagem, meu corpo ser até chamado por este outro corpo (passado, desaparecido), cuja imagem convoca, ou me faz convocar, a sensação (Didi-Huberman, 2018, p. 43).

As imagens, qualquer que seja sua natureza, não podem contar aquilo que passou, até porque não há nenhuma verdade na imagem, afirma Didi-Huberman (2017). Elas são sempre inconclusas, intervalares, não têm origem nem produzem efeitos prévios. Nas palavras do autor (2017, p. 37), "as imagens não nos dizem nada, nos mentem ou permanecem obscuras enquanto não nos damos o trabalho de lê-las, de decompô-las, remontá-las, distanciá-las dos clichês linguísticos".

Em meio à coleção de retratos de escolas arquivados no Brocantes, encontramos alguns deles relacionados ao período da ditadura militar no Brasil. São imagens de desfiles militares, alunos enfileirados em sala de aula, estudantes posando com uma bandeira

nacional ao fundo. Se as imagens não nos devolvem o passado do modo como foi, elas nos convocam a imaginá-lo, abrindo brechas para que possamos pensar e compreender o nosso presente.

Figura 6 – Retratos de escolas



Fonte: arquivo Brocantes (2025).

DO QUE RESISTE DA ESCOLA

Os papéis reunidos no arquivo Brocantes não são nada mais que fragmentos — gestos, palavras, práticas, imagens – que testemunham experiências singulares de estudantes, mas também denotam formas coletivas de existência e resistência na escola. Para Farge (2016), trata-se de sempre levar em conta o singular, colocando em evidência o coletivo, "o lugar comum dito pela sociedade sobre os outros" (Farge, 2016, p. 292). Ou seja, no arquivo, interessa menos o discurso individual e mais a maneira como as vozes se inscrevem em um horizonte comum, evidenciando modos de vida partilhados e estratégias coletivas. Como afirma Foucault (2015a, p. 212), "um certo saber do cotidiano tem aí, pelo menos

SUMÁRIO

uma parte de sua origem, e com ele, uma grade de inteligibilidade aplicada sobre nossos gestos, sobre nossas maneiras de ser e de fazer, empreendida pelo Ocidente".

Sob essa perspectiva, o arquivo não é só uma forma de guardar, mas um modo de deixar persistirem certos gestos e subsistirem certas palavras, uma maneira de fazer existir uma cultura – nesse caso, uma cultura escolar. Portanto, tem-se uma relação com a palavra do outro, uma polifonia de palavras na qual se inscrevem diferentes discursos escolares. Contudo, esses sentidos não são diretamente fornecidos pelo arquivo. Embora os papéis estejam arquivados e dispostos em coleções no arquivo Brocantes, o que os torna uma matéria viva é o trabalho de ler as séries, decompô-las, distanciá-las, remontá-las, para, assim, indagá-las: o que ainda disso resta no presente? Para Didi-Huberman (2017), é preciso dispor as coisas novamente para que possamos vê-las como pela primeira vez. Nisso consiste o trabalho de montagem de Didi-Huberman (2017) – retiram-se os elementos de seu espaço habitual para que possam migrar de uma temporalidade a outra.

Muitas das práticas que vemos nos papéis escolares do Brocantes não são mais exatamente como as de hoje. Olhar para elas é buscar compreender que outros – que já não estão mais aqui – viveram e compreenderam as práticas da escola de maneira diferente da nossa. Portanto, dar a ver, colocar à mesa esse arquivo, pode ser "uma maneira de articular, de forma diferente, um passado desconhecido com um presente que às vezes nos ultrapassa" (Farge, 2023, p. 10).

Dos papéis que nos chegam, nada é insignificante. São fragmentos ordinários ou incomuns de vidas que de algum modo a escola tentou homogeneizar. Os milhares de gestos mínimos de escrita – de quem escreve e de quem decide guardar – são provas de existências que ressuscitam a cada nova geração escolar.

SUMÁRIO

REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar-se: a propósito de certas práticas de autoarquivamento. *In*: TRAVANCAS, I.; ROUCHOU, J.; HEYMANN, L. (org.). **Arquivos pessoais**: reflexões multidisciplinares. Rio de Janeiro: FGV, 2013, p. 45–54.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. Tradução de Dora Rocha. **Estudos Históricos**, São Paulo: UNESP, n. 21, 1998. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/arquivar_a_propria_vida.pdf. Acesso em set. 2025.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **L'Image survivante**. Histoire de l'art et temps des fantômes selon Aby Warburg. Paris: Minuit, 2002, p. 143.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tomam posição**. O olho da história I. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens-ocasiões**. Trad. Guilherme Ivo. São Paulo: Fotô Imagem e Arte Ltda. 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Esparsas**: viagem aos papéis do Gueto de Varsóvia. Trad. Flávio Magalhães Taam. São Paulo: n-1, 2023.

FARGE, Arlette. Arlette Farge, a trajetória de uma historiadora. Entrevista com Laurent Vidal. **Interfaces da Educ., Paranaíba**, v. 7, n. 21, p. 271-295, 2016. Disponível em: https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/1381/1191?utm_source=chatgpt.com. Acesso em ago. 2023.

FARGE, Arlette. **Vies oubliées:** au coeur du XVIII[e] siècle. Paris: La Découverte, 2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos II**: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015a, p. 199-217.

HÉBRARD, Jean. Por uma Bibliografia Material das Escritas Ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – Séculos XIX e XX). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 1, n. 1, jan./jun, 2001. Disponível em https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38753/20283. Acesso em set. 2025.

HÉRBRAD, Jean. A lição e o exercício: algumas reflexões sobre a história das práticas escolares de leitura e escrita. **Educação Santa Maria**, v. 32, n. 01, p. 11-20, 2007. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/657/468. Acesso em set. 2025.

MUNHOZ, Angélica V. Brocantes: arquivo de uma geração de escola. *In*: MUNHOZ, Angélica V.; COSTA, Cristiano Bedin da.; SCHULER, Betina (orgs.). **Palavras e coisas da escola**: documentos escolares. Lajeado: Libélula, 2025, p. 6 -10.

SUMÁRIO